



UNEB ANANSI

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA REVISTA DE FILOSOFIA,
SALVADOR, ISSN: 2675-8385

<Produções do Encontro Baiano de
Filosofia, Imagem e Cinema / Resenha>

**Escrita, Sociedade e
Reconhecimento em *Florim*,
resenha da obra de Ruth Ducaso**

Flávio Rocha de Deus

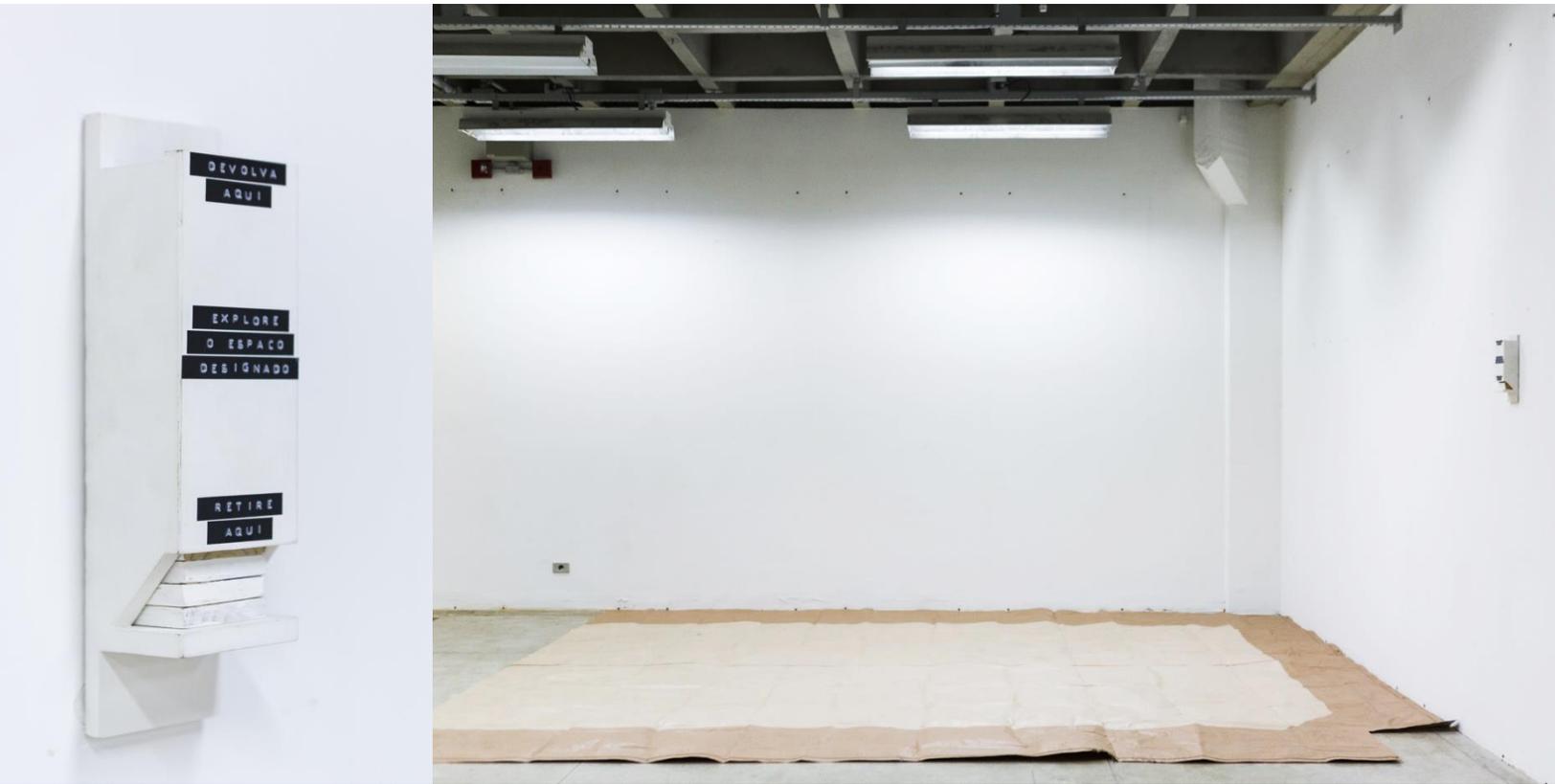
Mestrando em Filosofia e Teoria Social pela
Universidade Federal da Bahia.

Sartre, na primeira parte de seu ensaio *O que é a Literatura?* (1947), comenta a distinção entre o poeta e o prosador (aquele que faz narrativas/romances). Para ele os poetas não possuem nenhum compromisso com a verdade vocalizada. Enquanto o prosador “se serve das palavras [...]: designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua”, os poetas se “recusam a utilizar a linguagem” (SARTRE, 2004, p. 19). Ou seja, os romancistas de prosa fazem um uso instrumental da linguagem, submetendo-se aos seus sentidos ordinários, para comunicar sua narrativa aos outros; já os poetas subvertem a linguagem submetendo-a à suas apreciações estéticas particulares. *Florim* (2020), de Ruth do Caso, pseudônimo de Luciany Aparecida, desafia essa distinção ao dar à prosa e à poesia papéis igualmente importantes e complementares. Ainda que ambas compo-

sições sejam dotadas de valor estético por si só, quando juntas criam um contraste particular que aprofunda e dá identidade a obra.

Florim conta, canta, narra, poetifica a história/passagem de Dita, uma mulher habitante das formas periféricas da sobrevivência urbana e que “sonhava em ser nomeada poeta” (DUCASO, 2020, p. 22). Órfã adotada por um homem de poucas falas, perdeu muitos filhos e se fez temer pelo nome Mal Dita. Durante o livro acompanhamos a ascensão, queda e herança dessa personagem. Dentre os muitos recortes possíveis, elencarei três que me chamaram a atenção e, que acredito, podem fornecer uma boa síntese do que aguarda o leitor: uma captura das desigualdades sociais e suas camadas; a escrita enquanto elemento fundamental dos dramas da protagonista e, por fim, o reconhecimento enquanto busca.

¹ Esta resenha é fruto do evento de proposta extensionistas “Encontro Baiano de Filosofia, Imagem e Cinema” (UNEB/SECULT-BA). A obra foi escolhida por curadores selecionados. Nesta mesma edição também pode-se encontrar a transcrição da mesa “A estética da escrita e a imagem de seu tempo” composta por Luciany Aparecida e Hamilton Borges. A atividade ocorreu em 14 de setembro de 2023.



Victor Gouvêa, *Bordas*, 2018

A história de Dita evidencia como o sonho da *civilização* (incluindo o pleno acesso às práticas das artes) não é algo tão democratizado quanto prega os discursos mais otimistas e abastardos.

Victor Gouvêa, em 2018, expôs a instalação *Bordas*. A obra se resume visualmente à um tapete de duas cores: sua parte mais espaçosa e central simula o tom médio da pele branca brasileira e a parte periférica – as bordas – simulam o tom médio da pele negra brasileira. A arte sugere que o interlocutor retire aleatoriamente de sua caixa uma placa que pode conter um dos dois tons. A proposta da obra é que a cor da placa retirada determine quais espaços da

instalação você pode acessar. Nas palavras do artista: “Se o tom for mais escuro, o trecho designado é a borda do espaço. O tom mais claro dá direito ao centro da sala, mais espaçoso e menos adensado no número de fichinhas disponíveis”. O trabalho, que busca pensar a distribuição social do território em referência a autores como Milton Santos e Abdias Nascimento, é uma ótima ilustração para entender o contexto em que Dita se encontra e sua movimentação na história.

Ela que “andava ereta, sentava ereta, buscava os assentos do poder” (DUCASO, 2020, p. 42), tinha em seu corpo vários *demarcadores de lugar*, que ainda que

sejam possíveis de quebrar, materializam barreiras que não são fáceis de transpor. A pobreza, a pele, o contexto, o *lascão*. Dita, por mais que queira se ver no centro, precisa andar pelas bordas. De acordo com Luciany o estopim para pensar *Florim* foi uma mulher acusada de tráfico, que exposta em um programa sensacionalista de TV policial, exibida como chacota, ao ser indagada da sua ocupação, respondeu seguramente: “Eu sou escritora!”.

É muito sensível e crítica a reflexão de Dita sobre o dinheiro enquanto fonte de possibilidade. A fala não é uma mera reclamação, mas uma verificação sociológica muito contundente acerca da relação bicondicional entre as posses monetárias e as possibilidades de *se fazer ser* enquanto ente social. Conclui-se, portanto, que *é preciso ter para ser*. E “Dita também queria dinheiro para apreciar.” (DUCASO, 2020, p. 22).

Em *Florim* a escrita ganha todas as funções possíveis, se destaca – ou ao menos: se percebe – tanto em gênero e estrutura textual como em recurso narrativo. Há momentos em que o texto é uma imagem em retalhos, como se alguém descrevesse uma fotografia, porém sem o uso de conectivos, ou se limitando a expressões curtas. Em outros momentos a escrita encarna um monólogo de muitas narradoras que são um só. É possível se perder, mas é bom.

Estilisticamente falando, *Florim* não é uma leitura fácil. Exige, de fato, domínio e vida

de seu leitor. Gabriella Correia, artista e poeta baiana, repetidas vezes me comunicou que poesia é uma coisa rara. Para ela, em um lugar que muitos apenas amontoam palavras para parecerem belas, seria justamente nas experiências vividas, e no nosso balanço delas, que adquirimos as empatias necessárias para apreciar a poesia alheia, e a nossa também. Talvez este seja um inegável indicador da qualidade da escrita de Luciany nesse livro: o fato dele fazer com que caminhemos por ele com nossas lembranças também.

Na poesia de *Florim* Dita se humanizava. Encontrando-se em uma sociedade com regras bem demarcadas acerca dos acessos possíveis, ela precisou constituir uma pele, um folclore social que a atribuísse a imagem necessária para atingir os seus objetivos de sobrevivência e ambição. Mas, ainda sim, quando escreve, Dita retorna a ser nua. Ainda que saiba que “a dor fina dói mais” (DUCASO, 2020, p. 15), ela não se abnega de sua atividade humanizadora, da imagem que deseja construir para seu reconhecimento. Percebe-se que a protagonista, apesar das dúvidas evidentes das coisas que compõe o si, não duvida de si. Vislumbramos uma negação de si pela busca de si. Um sacrifício/necessidade presente alienante a espera de um futuro que deseja reconhecer?

Eva Illouz (1997), em *Consuming the Romantic Utopia*, infere que na contemporaneidade as associações simbólicas do amor romântico se feminilizaram, incorpo-

rando à imagem do amor arquétipos ordinariamente interpretados pelo ocidente como pertencentes a imagem da mulher. E, em *Agonia do Eros*, Byung-Chul Han (2017, p. 39) cita essa consideração nos informando que “os adjetivos do tipo ‘gentil’, ‘íntimo’, ‘calmo’, ‘confortável’, ‘doce’ ou ‘suave’, com os quais se costumam descrever cenas de amor romântico, são plenamente ‘femininos’”.

Cito esta trivía pois acho curioso observar como o amor em *Florim* é feminino e contemporâneo, mas, em oposição aos adjetivos anteriormente citados para designar o romantismo feminino de nosso tempo, não é ‘gentil’, ‘calmo’, ‘confortável’, ‘doce’ ou ‘suave’. Essa sensibilidade narrativa, com bons acertos de originalidade, facilmente pode nos deixar otimistas pelas novas configurações que o texto e as histórias contemporâneas podem tomar, enriquecendo ainda mais a atividade da leitura.

Obra Resenhada

DUCASO, Ruth. **Florim**. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros, arte e café, 2020.

Referências

ILLOUZ, Eva. **Consuming the Romantic Utopia: Love and the Cultural Contradictions of Capitalism**. Berkeley: University of California Press, 1997.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2004.